

TRAVESSIAS URBANAS: UMA CARTOGRAFIA SENSÍVEL DO LUGAR¹

URBAN CROSSINGS: A SENSITIVE CARTOGRAPHY OF THE PLACE

Adriano Dias de Andrade², Jessica Aline Tardivo³

Resumo: Este trabalho faz uma leitura da memória na cidade com o objetivo de elaborar uma cartografia afetiva que permita compreender diferentes camadas da paisagem urbana do bairro da Várzea, na Zona Oeste da cidade do Recife, Pernambuco. Nesse território, a partir de uma atividade de pesquisa e extensão, foram coletados registros audiovisuais, por meio de entrevistas com moradores; e também foram realizados roteiros fotográficos pelos pesquisadores. Os dados coletados têm auxiliado a construção de uma narrativa histórico-social-poética, que apresenta uma perspectiva do lugar, partindo de símbolos (in)visíveis presentes na contemporaneidade – como a arquitetura, a arte urbana, as feiras livres, os coletivos e os eventos culturais – trazendo à tona especialmente o modo como a comunidade vive e ocupa o espaço.

Palavras-chave: Várzea, Cidade, Memória, Cartografias Urbanas, Paisagem Cultural.

Abstract: This work aims at making a reading of the memory in the city with the objective of elaborating an affective cartography that allows to understand different layers of the urban landscape of the Várzea neighborhood, in the West Zone of the city of Recife, Pernambuco. In this territory, based on a research and extension activity, audiovisual records were collected through interviews with residents; and photographic itineraries were also carried out by the researchers. The collected data have helped the construction of a historical-social-poetic narrative, which presents a perspective of the place, starting from (in)visible symbols present in contemporaneity – such as architecture, urban art, street fairs, collectives and cultural events – especially bringing to light the way in which the community lives and occupies the space

Keywords: Várzea, City, Memory, Urban Cartographies, Cultural Landscape.

¹ Este trabalho apresenta um recorte de investigações empreendidas no âmbito do Projeto de Iniciação Científica “**MemoriAR**: uma cartografia urbana da Várzea”, aprovado e fomentado por meio do Programa Institucional de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Brasileiro - Unibra, 2022.1. A equipe do projeto é composta pelos autores deste artigo Jessica Aline Tardivo (orientadora) e Adriano Dias de Andrade, além dos acadêmicos em Arquitetura e Urbanismo Arcelon Alves Freire Neto, Bruna de Lira Brayner Gomes Lelis e Myllena Fernanda Jerônimo da Silva, a quem agradecemos pelas indispensáveis colaborações para esta pesquisa.

² Doutor em Letras; Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pernambuco; Unibra - Centro Universitário Brasileiro. ORCID 0000-0002-4199-0069. E-mail: adriano.dandrade@ufpe.br

³ Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual da Paraíba; Unibra - Centro Universitário Brasileiro. ORCID 0000-0001-5811-8544. E-mail: jessica.aline@grupounibra.com

Traçando o Destino e a Rota

*Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases lacrimogênicos*

(Clube da Esquina II - Lô Borges,
Márcio Borges e Milton Nascimento, 1979)

Uma das dimensões da vida em sociedade – para a qual convergem aspectos de afeto e de (sobre)vivência, responsáveis pelo estabelecimento de relações humanas básicas – é o pertencimento ao lugar, à rua, ao bairro, à cidade. Esse sentimento de pertença extrapola a intimidade da casa e se estende para além dos limites físicos e simbólicos dos nossos abrigos, das porções de solo em que nos protegemos das intempéries da vida e do tempo.

Neste trabalho, apresentamos a construção partilhada entre investigadores e participantes de uma cartografia urbana sensível, que tenta recobrir o território pesquisado a partir das vivências de moradores e de suas memórias, que ora parecem estar ancoradas em solo firme, ora velejam em mares abertos. Com este exercício de reconstrução cartográfica, assume-se uma pesquisa sem hierarquias prévias e com a efetiva interação dos pesquisadores na instanciação dos mapas apresentados.

De acordo com o pensamento das psicólogas brasileiras Virgínia Kastrup e Regina Benevides de Barros (2009), compreendemos aqui que a cartografia vai além de algo datado e escrito, ela acompanha movimentos e processos e permite apreender a importância da visibilidade, da enunciação, da força e da subjetivação na pesquisa. Partindo desse entendimento, a pesquisa utilizou processos cartográficos para reconhecer aspectos culturais e sociais de um recorte do bairro da Várzea, na cidade do Recife, Pernambuco, traduzidos especialmente em registros da memória oral.

É evidente que a cidade abriga diferentes características e manifestações culturais que refletem histórias e memórias sociais. No entanto, com o decorrer do tempo, concomitante com as mudanças produzidas no espaço e na sociedade, o

desenho urbano se transforma, mesmo em áreas de preservação permanente. A paisagem cultural de um lugar, portanto, vai sendo (re)construída por meio da trama entre experiências humanas, arquitetura e ambiente urbano, o que torna a cidade um acervo de símbolos mnemônicos (TARDIVO, PRATSCHKE, 2016).

A memória, por sua vez, se traduz na complexidade, surge devido à possibilidade do esquecimento e da necessidade de recordar. Ao mesmo tempo, produz um acervo sensível individual e coletivo, construído a partir dos medos, expectativas e experiências vividas entre um sujeito e o outro, entre esse primeiro e o mundo (GASTAL, 2002).

Por essa apreensão, entendemos que a memória na cidade contemporânea é resgatada em lugares determinados, a partir de símbolos que permitem compreender um todo socialmente determinado: são lugares capazes de despertar afetividade em moradores e de representar narrativas. Por isso, optamos por estar “no meio da rua”, em contato com as pessoas, navegando por suas vivências, sonhos e frustrações.

Dessa forma, no decorrer da pesquisa fazemos desta navegação um processo de reconhecimento estético e urbano, no qual, por um lado, torna-se possível desbravar o desenho urbano, as nuances das ruas e esquinas, calçadas e paredes, janelas e portas, por outro, através do exercício de verbalização de fragmentos de memórias, intenta-se uma reconstrução sensível das relações das pessoas com o lugar em que vivem, que se revelam por meio do discurso, percebendo como os trajetos projetados se constituem e reverberam em cada observador. Conforme já nos lembrava, no início do século passado, o escritor carioca João do Rio (1995 [1908]):

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, *spleenéticas*, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue (DO RIO, 1995 [1908], p. 7, destaques do autor).

As ruas, nessa perspectiva, são capazes de representar as conexões entre os sujeitos e o tempo, uma vez que são campo aberto no qual as pessoas se encontram, as edificações crescem e se transformam a sua volta, as pessoas amam, sofrem, trabalham,

protestam, entre tantas outras ações que podem vir a performar. A rua, portanto, é produto e testemunha das ações humanas.

Como organismos vivos, as ruas compõem as paisagens essencialmente transitórias, passageiras e efêmeras que dão feições às cidades. É nesse sentido que, poeticamente, o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu constrói o ponto de vista do seu narrador, no conto *Eu, Tu, Ele*:

Sempre posso parar, olhar além da janela. Mas do interior do trem, nunca é fixa a paisagem. Os pés de ipê coloridos misturam-se às paredes de concreto e as paredes de concreto às ruazinhas de casas desbotadas e as ruazinhas de casas desbotadas às caras das lavadeiras na beira do rio, e desta distância essas caras não são móveis nem vivas, mas sem feições, esculpidas em barro sob as trouxas brancas de roupa suja, e outra vez o roxo e o amarelo dos ipês e o marrom da terra e o bordô das buganvílias e o verde de uma farda militar atravessando os trilhos. Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra pulsátil, fremindo. (ABREU, 2009, p. 33).

Assim como no conto de Caio F., à distância parece ser impraticável enxergar as feições das pessoas, dos residentes das ruas e casas, uma vez que a pulsação inerente às cidades exige aproximação, mais ainda, exige imersão. Essa constatação de que não basta observar à distância, mas é preciso estar mergulhado no território, justifica também nossa opção pelo método cartográfico.

Com essa expectativa, os pesquisadores caminharam pelas ruas da Várzea realizando leituras simbólicas do espaço urbano, nas quais a cartografia é construída a partir de descobertas e registros, à medida que compreendem que “observar” é estar imersos entre narrativas e imagens, para desvendar a memória do lugar.

A cartografia, enquanto abordagem teórico-metodológica, pode ser aplicada a qualquer campo, dada a sua potencialidade analítica e diversidade de perspectivas. No entanto, para este trabalho, o interesse recaiu sobre a vertente urbano-cultural, tendo em vista as múltiplas manifestações socioculturais que permeiam a formação do lugar.

O bairro da Várzea – lugar escolhido como campo de experimentação devido à sua história, importância sociopolítica e efervescência cultural – está localizado na Zona Oeste do Recife, território que, de acordo com o historiador Francisco Augusto

Pereira da Costa (1981), fez parte do processo de povoação da cidade, isso porque, devido às suas terras férteis e abundância de água (o bairro é atravessado pelo rio Capibaribe), chegou a abrigar 16 engenhos de cana de açúcar, que estiveram em pleno funcionamento até meados do século XVIII. Desse modo, formou-se um povoado que logo se converteu em freguesia. No início do século XIX, o bairro começou a ser procurado para a construção de colônias de férias, especialmente para os banhos de rio. No entanto, a partir da década de 1880, a atividade de férias começa a perder força devido à poluição do rio.

Figura 1. Engenho de São João, território do atual bairro da Várzea



Fonte. IBGE, 2022. Fotografia do século XX, sem data especificada.

O povoamento da Várzea é descrito por Duarte (2005) quando discute o processo histórico de incorporação de novas áreas à cidade do Recife:

Do final do século XVIII até meados do XIX, o Recife incorporou a chamada “várzea do Capibaribe”, tratou-se da ocupação de toda a extensão começando da Boa Vista e da Madalena até a Caxangá e a Várzea propriamente dita. A frequência de parcela dos cidadãos a essas localidades mais afastadas se dava inicialmente de forma sazonal, isto é, pretendia-se o afastamento temporário da urbe nos meses de verão, para beneficiar-se das virtudes curativas do campo e dos deleites dos banhos de rio. Passado o período de veraneio voltavam para a capital onde mantinham residências fixas. Essa situação

decorria, dentre outros fatores, das dificuldades de locomoção entre as áreas centrais e esses povoados. (DUARTE, 2005, p. 18).

Na atualidade, de acordo com dados da Prefeitura do Recife (2022), o bairro conta com mais de 70 mil habitantes. A Várzea é constituída de diferentes camadas culturais, com pontos de comércio, grupos, oficinas e centros de artes. Ressalta-se, ainda, que seu acervo arquitetônico se tornou uma colagem de fragmentos em meio aos processos de ocupação – outras histórias se formaram e muitas foram sendo apagadas da memória.

O recorte específico do bairro, objeto desta pesquisa, é a Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural – ZEPH – 07: Praça da Várzea, área que corresponde à Praça Pinto Damásio, cujo atual projeto paisagístico é de autoria de Roberto Burle Marx, e o seu entorno, abrangendo o Casarão da Várzea (antigo edifício do Hospital Magitot, primeiro hospital odontológico da América Latina). A área consta como setor de preservação já no plano diretor de 2008 (Lei nº 17.511/2008), mas o edifício do antigo hospital só foi considerado como Imóvel Especial de Preservação mais recentemente, em 2015.

Nesta pesquisa, considera-se este espaço público como local de excelência em trocas, onde os diversos sujeitos produzem e fazem circular informações dentro de um sistema complexo. Dessa forma, acredita-se que, recuperando a interação entre pessoas, espaço e cidade, será possível trazer à tona alguma coisa que une e qualifica a própria identidade do lugar.

Preparando a Embarcação

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos, utilizamos a metodologia de pesquisa-intervenção, com caráter qualitativo de investigação de experiências. Esse método faz referência ao entendimento apresentado no trabalho da psicóloga e historiadora Cecília Maria Bouças Coimbra (1995, p. 80), no qual explica que esse tipo de pesquisa se constitui de práticas aplicadas em campo, em conjunto com a

população, “[...] visando mudanças na percepção dos participantes, que são agentes ativos no processo da investigação”.

Essa abordagem tem possibilitado mapear territórios e reconhecer caminhos possíveis de se percorrer. A investigação, portanto, parte de conversas e entrevistas com sujeitos moradores do bairro da Várzea, concomitante a registros de textos, desenhos, fotografias e vídeos, com os quais os pesquisadores buscam (re)construir novas compreensões das mesmas paisagens. Os dados estão apresentados neste trabalho na forma de uma narrativa discursiva que permite evidenciar a percepção dos investigadores envolvidos, em interação com os moradores do lugar.

A fim de reforçar a nossa escolha pela perspectiva cartográfica, retomamos a Barros e Kastrup (2009) e enfatizamos que a cartografia não deve ser entendida como representação de objetos, mas como *acompanhamento de processos*. Muitas vezes, ao olhar o trabalho do cartógrafo, esperamos encontrar um mapa geográfico ou um apanhado de desenhos. No entanto, a perspectiva de cartografia que embasa nosso trabalho excede essa visão. Barros e Kastrup (2009), partindo da reflexão da filósofa belga Isabelle Stengers (1993, 2000), fazem um resgate histórico sobre a ciência moderna, afirmando as bases positivistas que ainda enquadram, em grande medida, o fazer científico contemporâneo, sobretudo nas ciências tidas como “duras”. Com essa reflexão, as autoras dizem que:

O que confere singularidade à ciência moderna é uma prática que se confunde, em grande parte, com a invenção do dispositivo experimental, e remonta a Galileu. Através desse dispositivo o cientista busca separar o sujeito e o objeto do conhecimento. [...] No contexto da ciência Moderna, a distinção entre sujeito e objeto existe para garantir que o saber produzido possa ser validado de modo coletivo, pela comunidade científica. [...] O dispositivo experimental, concebido para realizar a separação entre sujeito e objeto, surge como dispositivo político, operando a hierarquização das invenções, ou, antes, convertendo uma delas na única representação legítima do fenômeno em questão. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 54-55).

As autoras continuam o debate trazendo a contribuição do historiador e filósofo da ciência estadunidense Thomas Khun (1978), no seu famoso trabalho *A Estrutura das revoluções científicas*, para quem a ciência se faz com rupturas de paradigmas e pode ser

compreendida em termos de práticas sociais, cognitivas e linguísticas. No sentido defendido pelas autoras, e apoiado por Khun (1978) e Stengers (1993, 2000), a inventividade científica não se constitui como ponto fora da curva, pelo contrário, constitui-se como matéria inerente ao fazer científico. Assim, a dimensão histórica do fazer científico e sua contribuição para as “descobertas” não devem ser desprezadas, mas explicitadas como integrantes dos processos de investigação.

O caráter inventivo coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 55).

Em resumo, o que consideramos nesse debate é a cartografia, enquanto método investigativo, intimamente ligada ao trabalho de campo, tendo em vista a sua natureza processual. Ou seja, a cartografia se aproxima da pesquisa de natureza etnográfica e seu objetivo é “justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

De forma distinta da que ocorre numa compreensão tradicional de ciência, na qual as etapas (coleta, análise e discussão de dados) são realizadas de maneira isolada e separada, na cartografia não há fronteira rígida entre as etapas, que podem ocorrer simultaneamente. Além disso, as autoras indicam que o pesquisador interage em processos que tiveram início antes de sua inserção no campo da pesquisa e que terão continuidade para além da sua participação.

Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 61).

Outro aspecto relevante numa pesquisa cartográfica que consideramos aqui é a construção textual das experiências vivenciadas no processo investigativo. De acordo com Barros e Kastrup (2009, p. 69): “[...] na pesquisa cartográfica são feitos relatos

regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo."

Assim, percebemos que, para o desenho da pesquisa, a escrita também é um método que apresenta uma dimensão política que se coaduna com a política de produção da própria pesquisa. Nesse contexto, há uma construção coletiva do conhecimento – na qual incluem-se efetivamente o pesquisador e demais participantes da pesquisa –, registrando em todo o processo as possíveis nuances suscitadas pelo trabalho de campo, as “contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que permanecem em aberto” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 72).

A processualidade está presente em cada momento da pesquisa. A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente [...]. O acompanhamento exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo *com* a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo *com* o coletivo. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

Portanto, ao estar imerso num território, o cartógrafo participa da pesquisa e tem as condições necessárias para discernir as variáveis de um processo de produção científica.

Pontos no Mapa

*Timoneiro nunca fui
Que eu não sou de velejar
O leme da minha vida
Deus é quem faz governar
E quando alguém me pergunta
Como se faz pra nadar
Explico que eu não navego
Quem me navega é o mar
(Timoneiro - Paulinho da Viola,
1993)*

Assim como a canção de Paulinho da Viola, queremos apresentar nosso processo cartográfico como uma viagem, e, para tanto, é preciso pensar no mar, na embarcação e no timoneiro. Nessa analogia, a Várzea é o mar; a pesquisa, a embarcação; e os pesquisadores, passageiros dessa embarcação, os timoneiros. Timoneiros são as pessoas responsáveis por controlar o timão da embarcação; são elas que determinam, então, a rota que o barco vai seguir. Essa rota, aqui, é dada por muitas mãos, que juntas decidem os trajetos a seguir; outras vezes, assim como na canção, são levadas pelas marés.

Não há como falar da Várzea sem falar em canção, dança e poesia. Não há forma de falar da Várzea sem falar de arte. Também não há como falar desse território sem falar de água, de rio, uma vez que o bairro é atravessado física e simbolicamente pelo principal rio do Recife, o Capibaribe, “O Cão Sem Plumas”, como disse João Cabral de Melo Neto:

I. Paisagem do Capibaribe

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

IV. Discurso do Capibaribe

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.

Um cão, porque vive,
é agudo.
O que vive
não entorpece.
O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive.

(MELO NETO, 2020, p. 99-114).

Assim como Cabral toma a imagem do cão como metáfora para compreensão poética do Capibaribe e da cidade, com seus entremeios, com suas feiuras e bonitezas, esta investigação construiu sua abordagem teórico-metodológica viajando entre a história e a poesia do bairro, entre as manifestações culturais do território e as construções socioafetivas de seus residentes, tomando a imagem de uma *travessia em rio-mar* como alegoria narrativa para a elaboração de uma cartografia sensível da Várzea.

Iniciamos a travessia com o reconhecimento do lugar, no dia 19 de março do ano de 2022. Nesse dia, os pesquisadores se encontraram para percorrer parte do bairro. O trajeto escolhido foi formado por um contorno central, no qual três edificações de referência histórica se conectam, a saber: a Igreja Imperial Matriz da Várzea (P1), o Educandário Magalhães Bastos (P2), ambos edifícios com estilo eclético, apresentando um bom estado de conservação, e o Casarão da Várzea (P3), inaugurado em 1905 para fins residenciais, transformando-se, no ano de 1944, no primeiro hospital odontológico da América Latina (SILVA, 2017), hoje encontrando-se em estado de abandono e esquecimento público. As três edificações estão representadas por meio da composição da Figura 2; e a travessia inicial está representada pelo mapa da Figura 3.

Figura 2. Composição de imagens: Igreja Imperial Matriz da Várzea, Educandário Magalhães Bastos e Casarão da Várzea



Fonte. Os autores, 2022.

Figura 3. Travessia inicial da pesquisa



Fonte. Os autores, 2022. Cadista. Bruna Lelis.

As três edificações, ilustradas pelas Figuras 2 e 3, tramam uma parte do bairro tomada por movimentos culturais (como grafite, maracatu, roda de coco, capoeira, entre outros), comércio popular, feiras livres, ocupação de residências autoconstruídas e residências de classe média.

Nesse momento, os timoneiros seguiram a rota marcada, com expectativas diversas. Havia, entre eles, aqueles que conheciam o lugar e outros que nunca tinham estado naquele bairro. Surge, então, as primeiras percepções. Entre os pixos das paredes, casarões esquecidos, espaços reconstruídos, uma periferia e um centro urbano em

conexo e desconexo, os pesquisadores-participantes foram criando afetividades e desapegos de algo que já não era mais tão estranho. Esse movimento de educação do olhar, de parar para ver, sentir e construir está ilustrado nos depoimentos que seguem:

Conhecer os lugares em uma primeira vez, às vezes, é um pouco desafiador, por não saber sobre muitas histórias daquele local. **(Trecho do depoimento da pesquisadora Myllena Silva, 2022).**

Eu vivo na Várzea há quase 8 anos, mas a minha relação com o bairro em algum grau ainda parece ser a de um estrangeiro, a de um errante [...]. **(Trecho do depoimento do pesquisador Adriano Andrade, 2022).**

A várzea me passou uma sensação de tranquilidade e respeito dos moradores com o bairro. **(Trecho do depoimento do pesquisador Arcelon Freire Neto, 2022).**

Quando cheguei no local, fiz uma rota entre a parada de ônibus e a praça e logo me encantei pelos detalhes mínimos que possuíam em grades, pisos e paredes. **(Trecho do depoimento da pesquisadora Bruna Lelis, 2022).**

Essas percepções iniciais foram elaboradas partindo da travessia inicial de reconhecimento do lugar. Pelos depoimentos, é possível perceber que mesmo aqueles que já conheciam o bairro abriram o olhar para novos deslumbramentos. Já aqueles que se aventuraram ali pela primeira vez foram surpreendidos pelo acaso de um lugar tão comum e, ao mesmo tempo, singular.

Nesse sentido, acreditamos que cada lugar é único, por isso, a travessia, que ora foi conduzida por uma rota pré-fixada ora permitia-se o acaso, também possibilitou que os pesquisadores se desviassem e navegassem à deriva. Compreende-se, então, seguindo a poética do escritor italiano Italo Calvino (1972, p.16), que:

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio as cúpulas de pagode e claraboias e celeiros, seguindo o traçado de canais, hortos, depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim - dizem alguns - confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.

A incertitude e a (re)construção *in locus*, sem verdades dadas aprioristicamente, encontram-se no seio da cartografia urbana que praticamos e narramos neste trabalho, por meio da qual a interação dos pesquisadores com as pessoas e o lugar não é apagada ou colocada às margens, mas, de outro modo, é matéria que corporifica a embarcação nesta travessia.

A valorização de fontes orais e da memória é outro aspecto que caracteriza a perspectiva cartográfica traduzida neste trabalho. No início da década de 1970, o historiador francês Philippe Joutard, apontava que o registro da história oral surgiu com três inspirações principais: 1. ouvir a voz dos excluídos; 2. trazer à tona as realidades indescritíveis e 3. testemunhar as situações de extremo abandono. Com essa abordagem, a história contada pelas pessoas poderia trazer à tona aquilo que não fosse possível encontrar em documentos escritos, sobretudo a memória, a sensibilidade e a percepção.

Com essas premissas, os pesquisadores convidaram moradores e representantes de grupos culturais atuantes no bairro para uma conversa sobre o lugar. Assim, foi possível entrevistar sete moradores no sábado, dia 23 de abril de 2022. O perfil dos entrevistados está disponível no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos participantes

ENTREVISTADA/O	ATIVIDADE PRINCIPAL	FORMATO DE ENTREVISTA
Daniel da Silva	Servidor público	Áudio
Bruna Antunes	Integrante das ONGs Várzea Viva e Salve o Casarão da Várzea	Vídeo e áudio
João Ricardo Camargo	Artista plástico e capoeirista	Vídeo e áudio
Leon Domingues	Artista plástico, grafiteiro e capoeirista	Vídeo e áudio

Maria Antonieta Vidal	Coletivo Flor do Capibaribe	Vídeo e áudio
Isaac Assunção	Comerciante e professor	Vídeo e áudio
Josicleide Guilhermino	Comerciante e professora	Vídeo e áudio

Fonte. Os autores, 2022.

É preciso referir aqui sobre esse dia: o clima de abril em Recife é instável, choveu a noite toda, mas a manhã acordou ensolarada. Os pesquisadores se encontraram em frente à Igreja Matriz Imperial e se dividiram em grupos para coletar os depoimentos que foram gravados em áudio e vídeo para posterior transcrição. Durante a coleta de depoimentos, choveu, fez sol, ventou muito forte, saiu sol novamente. O tempo, como em qualquer navegação, foi cenário e condutor de conversas que duravam em torno de trinta minutos, mas poderiam durar horas.

As transcrições das entrevistas estão sendo analisadas e categorizadas, a partir de um processo de análise de conteúdo, em três categorias, que (re)constroem a *Várzea como lugar afetivo, como lugar cultural e como lugar social*. A seguir, essas categorias são brevemente apresentadas.

A Várzea como Lugar Afetivo

As relações possíveis de se estabelecer com os lugares extrapolam as necessidades físicas mais imediatas de morar e trabalhar. Aos lugares devotamos amor e ódio, compaixão e indiferença, saudade e repulsa..., a depender das relações afetivas que ali tomaram corpo, que ali puderam ser performadas.

As/Os entrevistadas/os trouxeram do bairro não apenas suas memórias, mas o sentimento de pertencimento, como se cada espaço já fosse apropriado e, por isso, as mudanças urbanas atuais causam rupturas em uma história que já foi contada, e por

vezes esquecida. Durante essas conversas, surgiu a fala de Maria Antonieta, que identifica a paixão pela Várzea na história da sua família:

Família Ferreira da Silva. É muito antiga aqui na Várzea. Nesse momento, essa casa onde eu estou, eu chamo Sítio das Flores, foi uma herança dos meus avós. A casa tem mais de cem anos. A gente acredita que uns cento e cinquenta anos. Ainda tem a estrutura de pé. E, assim, amante da cultura da Várzea desde criança. Meu pai era uma pessoa que levava a gente desde pequenina pra assistir as festividades do bairro da Várzea. (Trecho do depoimento de Maria Antonieta Vidal, 2022).

Maria nasceu no bairro e tem memórias que misturam família, cultura e política. Conforme ilustra a Figura 4, a moradora foi entrevistada e recebeu os pesquisadores com muito entusiasmo, especialmente em contar as passagens do bloco lírico *Flor do Capibaribe*, que utiliza o bairro como palco de suas apresentações.

Figura 4. Entrevista com Maria Antonieta Vidal



Fonte. Os autores, 2022.

De acordo com o olhar do professor e comerciante Isaac Assunção, em seu depoimento ilustrado pela Figura 5, o bairro e suas atividades foram de extrema importância para o desenvolvimento de sua identidade. Por meio de eventos sociais locais, foi possível dialogar e perceber sua relação com gênero e sexualidade. Foi ao

chegar no bairro que o morador passou a construir uma relação de ser social pertencente; é no bairro que ele estudou, trabalha e vive.

A várzea é um lugar muito especial para mim, porque foi aqui que eu comecei a construir a minha identidade como pessoa gay. Então foi as experiências que a várzea ofereceu que foram fazendo eu me encontrar e me aceitar, entendendo o meu processo, que, na época, era muito difícil. **(Trecho do depoimento de Isaac Assunção, 2022).**

Figura 5. Entrevista com Isaac Assunção



Fonte. Os autores, 2022.

A Várzea como Lugar Cultural

Nas três primeiras entrevistas, observamos imagens diferenciadas do lugar, pela afetividade festiva, pela socialização e pela formação da identidade. Embora a Várzea tenha outras imagens, em conversa com os amigos, artistas visuais e capoeiristas João Camargo e Leon Domingues, conforme ilustra a Figura 6, foi possível retratar a Várzea da ocupação cultural, onde os grupos se apropriam e tornam a rua um centro de significados e representações.

Dentre outros aspectos, a conversa com Leon e João demonstrou que, antes do período pandêmico, havia maior articulação social em torno das demandas do bairro,

especificamente no que se refere à ocupação do Casarão da Várzea. A fala demonstrou as consequências ainda pouco discutidas do efeito da pandemia nas cidades, para além das questões sanitárias mais evidentes. Neste caso específico, ressalta-se como o distanciamento social, imposto pelo poder público para conter a pandemia, provocou algum grau de desarticulação de movimentos sociais organizados.

No entanto, os movimentos e coletivos sociais parecem estar retomando às atividades, conforme ilustra a Figura 7. Dessa forma, voltando a ser presentes na imagem urbana do lugar:

A gente pode ver aqui atrás, na igreja, tem o professor, o mestre Betão que dá aula de capoeira. Eu já frequentei há um tempo. Tem o Maracatu da Várzea com Abissal que fazia as atividades, até hoje faz é... fazendo maracatu gratuito aqui na praça e é uma atividade que teve pausa igual às outras na pandemia, mas já voltou com tudo também. E renova, né [...] (trecho do depoimento de Leon Domingues, 2022).

Figura 6. Entrevista com Leon e João



Fonte. Os autores, 2022.

Figura 7. Leon e João jogando capoeira



Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.

Ainda sobre o bairro como lugar cultural, para o morador Daniel da Silva, “a Várzea desde sempre é um bairro com forte apelo cultural e também com essa coisa mais interiorana, com feiras livres, pessoas que vinham de outras cidades para vender aqui [...]” (Trecho do depoimento de Daniel da Silva, 2022).

A Várzea como Lugar Social

No depoimento da professora Josicleide Guilhermino, foi possível encontrar um bairro como centro de conexões entre culturas. Pautando-se em uma questão social, a professora mostra que o bairro tem imagens múltiplas:

Naturalmente a Várzea é um bairro que mantém sua desigualdade, porque essa é uma realidade na quase totalidade do país. Então você tem uma casa rica ao lado de uma casa extremamente pobre, mas essa integração ela não é só na perspectiva física de um estar ali ao lado do outro, porque essa realidade a gente percebe em outros espaços. A integração é você [...] perceber que o morador da casa rica está ali parado ao lado do morador da casa extremamente pobre. (Trecho do depoimento de Josicleide Guilhermino, 2022).

É necessário explicitar aqui que um dos principais pontos de conexão cultural e de discussões sociais do local são discursos em torno da recuperação do antigo Casarão da Várzea. O local, embora abandonado pelo poder público, hoje está tomado pela arte

urbana com manifestações de grafiteiros, como ilustra a imagem da Figura 8. O Casarão é referência para ações sociais, especialmente para a ONG Várzea Viva.

Figura 8. Recorte da fachada do Casarão da Várzea



Fonte. Os autores, 2022.

Na visão da estudante de psicologia e representante da ONG Várzea Viva, Bruna Antunes:

O casarão é um lugar que fomenta a cultura. É aqui que a gente faz encontro com artistas, sarau, várias coisas onde a galera consegue tirar uma grana disso, os ambulantes chegam aqui colocam suas barraquinhas [...] para a galera se sentir parte também. No entanto, o lugar tem uma problemática, porque o lugar sempre está ocupado, quando a gente não está aqui ele nunca está vazio, ele recebe usuários de drogas, pessoas que guardam cavalos. (Trecho do depoimento de Bruna Antunes, 2022).

A fala da estudante foi coletada dentro do casarão. Nesse edifício, ela mostrou os anseios da ONG para revitalizar o espaço e entender o lugar como território. Território no sentido de encontro entre aquilo que já se inseriu e as manifestações humanas que se renovam. Em seu depoimento, registrado pela Figura 9, Bruna diz que “o casarão é um espaço coletivo, que já faz parte da vida da galera local” (trecho do depoimento de Bruna Antunes, 2022).

Figura 9. Entrevista com Bruna Antunes

Fonte. Os autores, 2022.

Conforme podemos elaborar a partir dos depoimentos coletados, o bairro, assim como a cidade, é construído por camadas de memórias sociais, que, quando se mesclam, dão origem a uma imagem que não está terminada, uma vez que os lugares estão sempre em processo de construção. Eles mudam e se modificam, porque as pessoas mudam, a arquitetura muda, a história e as necessidades de cada geração mudam. É o que ilustra, por exemplo, a Figura 10, que mostra o processo de demolição do revestimento externo de uma parede de um estabelecimento comercial do bairro, que servia de suporte para um mural de grafite. Esse processo de mudança ocorreu no dia 19 de maio de 2022, apenas algumas semanas após o início da nossa travessia de pesquisa.

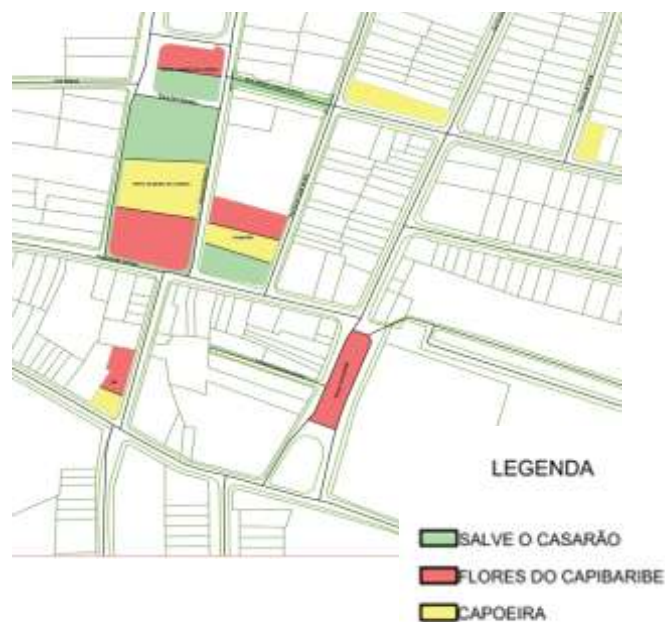
Figura 10. Processo de demolição de mural de grafite

Fonte. Os autores, 2022.

O que é presenciado na Várzea são símbolos mnemônicos presentes nas arquiteturas e representações culturais que se mantêm e ecoam pelo tempo, dando origem a uma afetividade coletiva que configura a paisagem cultural.

Concluído esse recorte, os pesquisadores traçaram um primeiro mapa urbano, o qual demonstra o bairro como espaço cultural. Demarcando, conforme ilustra a Figura 11, a partir da fala dos entrevistados, os lugares e espaços ocupados pelos grupos culturais e manifestações sociais no recorte de observação da pesquisa.

Figura 11. Mapa cultural no recorte de observação da Várzea



Fonte. Arquivo da Pesquisa, 2022.

Ancoradouros

*Meu amor eu não me esqueço
Não se esqueça por favor
Que eu voltarei depressa
Tão logo a noite acabe
Tão logo este tempo passe
(Para um amor no Recife - Paulinho da Viola, 1971)*

Apontamos, neste trabalho, como breves e passageiros ancoradouros, os resultados iniciais desta navegação, que evocou a construção de uma cartografia

sensível da Várzea, bairro da Zona Oeste do Recife, Pernambuco. Embora ainda estejamos embarcados e em plena travessia, os mares e rios nos quais navegamos trouxeram até aqui diferentes percepções do lugar e de sua gente, e já nos indicaram a necessidade de traçar outras rotas neste destino.

Inicialmente, coletamos dados do lugar através de depoimentos de moradores do território. Essas falas estão sendo exploradas em categorias distintas, por meio das quais estamos construindo imagens da Várzea como *Lugar Afetivo, Lugar Social e Lugar Cultural*. Essas categorias ainda estão sendo elaboradas, mas os trechos trazidos à baila neste artigo já são ilustrativos de sua potência simbólica e explicativa para a composição desta cartografia social e urbana.

Dando continuidade à travessia, a pesquisa apresentará, ainda, *leituras do desenho arquitetônico*, explorando as edificações de interesse histórico, conectando-as às ocupações e usos populares, e às memórias afetivas dos moradores. Além disso, como outro movimento de aproximação com os moradores e o lugar, pretendemos, ao final da rota, realizar uma *exposição de fotografias e registros dos dados coletados*.

Não obstante, a pesquisa compreendeu nesta travessia o potencial da cidade como um território educativo, no qual a rua reverbera paisagens que são capazes de ressignificar a experiência poética, estética e humana. Conforme pontuou o educador pernambucano Paulo Freire (2011, p.13):

[...] a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos. Enquanto educadora, a Cidade é também educanda [...].

Para partilhar esta travessia com a comunidade acadêmica, criamos uma plataforma digital, onde é possível conferir registros fotográficos das etapas da pesquisa,

bem como as publicações realizadas. O leitor pode apontar a câmera de seu dispositivo móvel sobre o código da Figura 12 para acessar o site da pesquisa e embarcar conosco nesta aventura cartográfica.

Figura 12. Site do projeto de pesquisa MemoriAR



Fonte. Tardivo et al., 2022.

Enfatizamos que a proposta de criar uma cartografia urbana – aqui dada pela subjetividade da percepção e da memória oral – tem possibilitado a produção de conhecimentos sobre a cidade, envolvendo os pesquisadores em uma nova sensibilidade que permite estudar a paisagem urbana pelo olhar do outro, reconfigurando a cada nova maré o desenho da nossa percepção sobre o lugar, construindo, assim, nossa cidade sensível.

Referências

ABREU, Caio Fernando. Eu, Tu, Ele. In: ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009. p. 33-37.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Os caminhos de Lapassade e da Análise Institucional: Uma empresa possível? **Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 52-80, 1995.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

DO RIO, João. **A Alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995 [1908]. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf. Acesso em: 09 jun. 2022.

DUARTE, José Lins. **Recife no tempo da maxambomba (1867-1889): o primeiro trem urbano do Brasil**. 2005. Dissertação (mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo, Cortez, 2001. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educacao.pdf. Acesso em: 6 maio 2022.

GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: Gastal S. (Org.). **Turismo, investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

IBGE. **Fotografia do Engenho de São João**. [S. l.] [S. n.] [19--]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440320>. Acesso em: 09 jun. 2022.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 31-45.

MELO NETO, João Cabral de. O cão sem plumas. In: MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020. p. 99-114.

RECIFE. **Lei complementar nº 02, de 23 de abril de 2021**. Estabelece o Plano Diretor da Cidade do Recife. Diário Oficial do Recife, Recife, 24 abr. 2021.

RECIFE. **Lei nº 16.176, de 9 de abril de 1996**. Estabelece a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo. Diário Oficial do Recife, Recife, 9 abr. 1996.

RECIFE. **Plano Diretor**. Disponível em: <https://planodiretor.recife.pe.gov.br/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SILVA, Antônio W. Fernandes da. Salve o Casarão da Várzea. **Minha Cidade**, Recife, ano 17, jan. 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/17.198/6389>. Acesso em: 28 maio 2022.

TARDIVO, Jéssica Aline; PRATSCHKE, Anja. A Cidade como lugar de memórias. "*The city as a place of memories*". **Revista Memória em Rede**, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 8, p. 3-21, 2016.

TARDIVO, Jéssica Aline; ANDRADE, Adriano Dias de; FREIRE NETO, Arcelon Alves; LELIS, Bruna de Lira Brayner Gomes; SILVA, Myllena Fernanda Jerônimo da Silva. **Site do Projeto Memoriar**. Disponível em: <https://www.memoriar.com.br/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

Recebido em maio 2022
Aceito em junho de 2022